



Ciência, religião e saúde

Science, religion and health

Luciana Fernandes Marques*

É comum encontrar na produção acadêmica relacionada ao tema da religião, religiosidade, espiritualidade e seus impactos na saúde física e mental, o tema da mudança de paradigma e o histórico da constituição da ciência a partir da sua separação da religião. Em grande parte dos estudos, observa-se a justificativa do estudo da religião e da espiritualidade como um resgate de uma dimensão perdida na cisão ciência-religião. Esse processo é descrito como tendo sido gradual, iniciando-se ao final do século XV, com o Renascimento, e tendo se efetivado no século XVIII com o movimento iluminista. O contexto dessa mudança é frequentemente relatado no sentido de historicizar a ausência do tema da religião nos bancos acadêmicos ao longo dos últimos séculos e o movimento lento de sua reinserção a partir das rupturas paradigmáticas ocorridas em meados do século passado, referidas como pós-modernas, pós-estruturalistas, apoiadas pelo movimento de contracultura e nova era, o pensamento sistêmico, da complexidade e bioecológico, só para citar alguns. Nessa vertente também se encontra a física quântica e suas enigmáticas desconstruções da realidade até chegar num enorme vazio energético que desmonta toda a visão de realidade sólida e mecânica que se tinha até então.

Editorial recebido em 05 de novembro de 2015 e aprovado em 20 de novembro de 2015.

* Professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação Ensino na Saúde da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. País de origem: Brasil. E-mail: luciana.marques@ufrgs.br

O movimento de separação entre religião e ciência vem sendo interpretado como uma evolução positiva do ser humano, o qual se torna independente do pensamento mágico e irracional em direção a uma visão racional e científica dos fenômenos. A ciência surgiu como uma promessa de melhor explicar o mundo, prever acontecimentos, controlá-los e dominar a natureza numa posição inquestionavelmente antropocêntrica. Nessa visão, a religião seria uma forma arcaica de explicar o mundo e que passa a ser substituída, nas sociedades civilizadas e modernas, pelo método científico de conhecer a realidade. Se essa cisão leva, por um lado, ao desenvolvimento benéfico da ciência e da tecnologia e da melhora da qualidade e da expectativa de vida, por outro lado, causa uma cisão do ser humano com seus propósitos, sentidos e sacralidade na vida cotidiana. Nesse contexto de anseio por conhecer mais e melhor do mundo, o inimigo natural de um maior conhecimento talvez fosse o desconhecimento e a ignorância. Mas a oponente número um do conhecimento científico passou a ser a religião. É na crítica à religião que a ciência se construiu. O método científico surgiu como uma construção humana feita por homens (nem se entrará aqui nas questões sexistas) que buscam desvendar a ordem implícita aos fenômenos, as regras de seu funcionamento, os mecanismos de influência desses entes separados entre si, como que esperando desvendar o manual do Universo. Cabe salientar o quão religiosa era essa visão, pois quem teria escrito o manual com todas essas normas e regras matematicamente perfeitas? Mas o antagonismo entre ciência e religião só mostra o quanto a ciência esteve presa à religião como uma contrarreferência, se propondo a ser sua substituta e para isso uma competição é gerada em torno das explicações do mundo e dos seus fenômenos. Nesse sentido, o diálogo entre elas passa a ser uma arena de discórdia e desconfiança em que impera uma luta de poder.

Entretanto, o modelo de sociedade previsto pelo positivismo, como uma evolução constante, rumo a um maior controle da natureza e melhores condições de vida para as pessoas, viu-se abalado com as guerras (incapacidade da ciência de promover a paz entre os povos), a pobreza (inviabilidade do conhecimento econômico para equilibrar a desigualdade social), o esgotamento dos recursos

naturais (fracasso dos métodos científicos em descobrir recursos energéticos sustentáveis ou de torná-los politicamente aceitos pelos grandes interesses corporativistas) e a violência e desintegração do tecido social (a neutralidade da ciência não deu retorno efetivo à comunidade e talvez tenha exacerbado o individualismo). A busca pela religião, por seu turno, não diminuiu nem nas sociedades orientais, nem nas ocidentais. A religião pode ter mudado: o catolicismo migrando mais ao oriente, as filosofias orientais mais disseminadas no ocidente, maior relato de espiritualidades não confessionais e das multirreligiosidades (expresso por esse termo minha percepção de pessoas que seguem mais de uma religião simultaneamente ou ainda grupos que pretendem reunir duas ou mais religiões em uma só como o Umbandime e a Umbanda branca), mas não houve uma diminuição mundial no número de templos religiosos. Ao contrário, esse número aumentou. Embora a ciência tenha se disseminado no senso comum (basta ver o montante de revistas de divulgação científica circulando nas mídias) e venha ditando formas de viver, as religiosidades não se tornaram menos presentes. As grandes religiões de tradição histórica e seus líderes seguem fortes e presentes, atraindo multidões de praticantes e curiosos. A religião segue presente na vida das pessoas, na linguagem do cotidiano, nos templos, nos feriados, no turismo religioso, nas imagens, em datas comemorativas e na política. Onde, talvez, ela tenha estado menos presente é nos bancos acadêmicos e na intelectualidade científica, justamente pela assepsia que esse afastamento indica.

Quando comecei a estudar a religiosidade e a espiritualidade na Psicologia na década de 90 não encontrei literatura científica facilmente. Encontrava os autores clássicos que tinham estudado o tema na Psicologia como Wundt, Freud, Allport, Jung, James, mas não encontrava artigos e materiais atuais com estudos exploratórios frutos de investigação sistemática. Nessa época encontrei mais materiais na língua inglesa e na área da enfermagem e da medicina. Na enfermagem parecia haver um anseio em como lidar com essa dimensão no cuidado cotidiano de pacientes, nos cuidados paliativos e no apoio familiar. Na medicina, ao que tudo indica, o tema surgiu ao acaso. Nos grandes estudos de

acompanhamento da saúde da população americana em que inúmeros fatores são rastreados e acompanhados, um deles era a religiosidade e a espiritualidade. Entre as análises estatísticas, a variável religiosidade se mostrava relevante em alguns modelos explicativos, sugerindo que a religiosidade gerava impactos na saúde ainda não previstos em outros estudos. O tema da religião e da saúde rapidamente cresceu a partir daí, com investigações metódicas na visão da ciência tradicional para conhecer a forma como a religiosidade influenciaria a saúde física e mental. Dessa forma, a religião passa a ser tratada na academia como um tema a ser investigado (neste caso na sua relação com a saúde) e não como uma forma de conhecimento e de explicação da realidade. Passou a interessar como ela pode aumentar/diminuir o bem-estar, auxiliar/prejudicar a reabilitação de doenças, etc.

Muitos trabalhos acadêmicos, a despeito da suposta neutralidade investigativa, fizeram apologia do exercício da religiosidade como inequivocamente benéfica à saúde. Outros questionaram as *red flags* (bandeiras vermelhas de alerta) em que a religiosidade poderia piorar tanto a saúde física quanto a mental. Em estudos mais detalhados foram descortinadas atitudes, crenças e comportamentos religiosos que podem ajudar ou não, mas neste caso, não seria a religião em si a responsável pelas alterações na saúde, mas sim o próprio indivíduo e seus hábitos em relação a religiosidade/espiritualidade. Algumas investigações visam grandes públicos e métodos quantitativos num esforço de observar grandes regularidades nos resultados. Outras se aprofundaram nas experiências e relatos indagando sobre detalhes operantes na vida das pessoas.

O debate entre a ciência e a religião fica então arrefecido em prol do fazer ciência sobre a religião. Ainda assim, algumas desconfianças iniciais foram encontradas nos meios acadêmicos, como se o temido retorno à idade das trevas estivesse em voga. Igualmente algumas compreensões equivocadas sobre a possibilidade da criação de uma Psicologia Religiosa (que já existiu) ou Psiquiatria Espírita. Esses são campos ainda em discussão principalmente em função das associações que congregam profissionais com confissões de fé como o “Corpo de

Psicólogos e Psiquiatras Cristãos” e a “Associação Médico-Espírita do Brasil”. Alguns dos profissionais vinculados a essas associações são professores universitários e outros fazem mestrado e doutorado com temas vinculados a seus credos. Alguns trabalhos são produzidos numa visão científica mais tradicional e outros são mais arrojados e propositivos sobre outras visões de ciência e de epistemologia. Nas discussões sobre a laicidade do país, alguns dizem ser um retrocesso a existência dessas associações e questionam se os conselhos profissionais não deveriam proibi-las. Outros defendem o direito constitucional dos indivíduos e grupos de se reunirem em torno de suas crenças desde que não as imponham aos outros.

Nos debates gerados no grande tema Religião e Saúde, há que se enfatizar que são oportunidades de diálogos entre variadas posições e de exercitar flexibilidade para a circulação e aceitação das diversidades. Sendo o Brasil um país laico, mas que abriga enorme diversidade religiosa e multirreligiosa possuímos um rico contexto pra exercitar essa tolerância sem laicismo. Também na forma de abordar essa interface são necessárias abertura intelectual e curiosidade investigativa para explorar novas fronteiras, sem que os julgamentos se apresentem antecipadamente. Sejam desconfianças sobre temas, teorias ou metodologias, me parece evidente que elas surgirão. Somos humanos e carregamos essa bagagem cultural e ancestral. Além disso, possuímos nosso próprio filtro ao interpretar a realidade, nossas crenças religiosas ou a-religiosas e nossas posições acadêmicas. Fica aqui o convite para iniciar a leitura deste rico volume a partir de uma perspectiva descentrada, mas nem por isso neutra, sobre variados posicionamentos na exploração do tema Religião e Saúde.